

Dívida: Marcílio pede apoio dos EUA

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Enviado especial

BANGCOC — O Ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, passou mais um dia batendo de porta em porta, aqui, tratando de convencer tanto as autoridades econômicas dos países credores quanto os presidentes de bancos privados de que o Governo brasileiro vai, de fato, levar adiante as reformas estruturais que vem anunciando.

Um de seus contatos mais importantes — e mais demorados — foi com o Subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford. Eles conversaram durante uma hora e Marcílio saiu do encontro satisfeito:

— Esperamos um empurrãozinho dele para resolver o assunto com os bancos americanos — comentou o Ministro.

As conversas têm sido menos amenas do que as declarações oficiais da delegação brasileira dão a entender. Há apreensão da comunidade financeira internacional sobre a disparada da inflação no Brasil, além de algumas incertezas que Marcílio vem tentando derrubar. A mais citada delas é o processo de privatização. Todos querem saber se a Usiminas vai ser, de fato, leiloadada.

O Ministro brasileiro tem repetido, com insistência, que isso acontecerá no próximo dia 24.

— É essencial que o leilão aconteça, para que haja maior tranquilidade dos observadores internacionais — comentou Mar-

cílio durante uma conversa com jornalistas no Landmark Hotel.

O Subsecretário David Mulford disse a Marcílio que o Governo dos Estados Unidos é favorável a que um acordo do Brasil com os banqueiros seja alcançado o mais rápido possível.

— Nós concordamos que é importante não perder o **momentum** e nem o ritmo. Mulford nos disse que está disposto a trabalhar para que haja uma solução sem demora à renegociação da dívida. Isso significa que o Tesouro vai acompanhar o assunto de perto e tratará de procurar caminhos que possam encurtar essa jornada — disse Marcílio.

Um representante do banco central americano, Gerald Corrigan, que preside a Reserva Federal de Nova York, também participou da conversa de ontem. No entanto, nem ele nem Mulford se dispuseram a comentar o encontro, em que Marcílio tratou de três pontos básicos: as negociações com o Fundo Monetário Internacional, com os banqueiros e com o Clube de Paris.

— É muito importante que o Governo americano esteja informado a respeito, já que sua influência sobre os bancos pode contribuir muito para o clima das negociações. O papel do Tesouro não é o de entrar diretamente na discussão dos termos de nossa proposta, mas sim o de criar um clima propício para a negociação. Por isso temos tido esses encontros com as autoridades americanas — comentou Marcílio.